

Uma história dos quadrinhos paraibanos



Prof. Dr. Henrique Magalhães
Universidade Federal da
Paraíba

RESUMO: Trajetória dos quadrinhos paraibanos a partir de sua criação, em 1963 com a revista *As Aventuras do Flama*, de Deodato Borges, tomando como fio condutor a edição de revistas e suplementos.

PALAVRAS - CHAVE:

ABSTRACT: The trajectory of comics in Paraíba state from its creation with the comic-book *As Aventuras do Flama* in 1963, by Deodato Borges, taking the publishing of comic-books and supplements and its leitmotiv.

KEY WORDS:

A referência mais antiga que se tem dos quadrinhos paraibanos remonta ao ano de 1963, quando Deodato Borges lançou a revista *As Aventuras do Flama*. Impressa em clichê, o tradicional sistema de impressão “a quente”, a publicação de uma revista nesse processo era algo, além de trabalhoso, muito caro.

As Aventuras do Flama tinha o formato chamado “americano” (em torno de 17cmx25cm), 40 páginas em preto e branco, capa em duas cores. Deodato se lançou numa verdadeira aventura para realizar o sonho de todo quadrinista e satisfazer a expectativa de seu público.

Antes de lançar sua revista em quadrinhos, Deodato já tinha conquistado uma legião de fãs em todo

o estado por meio de um programa de rádio com a personagem. *As Aventuras do Flama* era uma versão local de *Jerônimo*, famoso personagem de uma novela de rádio veiculada em âmbito nacional.

Como *Jerônimo*, *As Aventuras do Flama* era uma novela com seqüências diárias. Deodato transmitia suas aventuras pela Rádio Borborema, de Campina Grande, no início dos anos 1960. O programa tinha um apresentador, que fazia jogos com os ouvintes, com distribuição de brindes. A revista do *Flama* foi lançada para presentear o público, tornando-se imediatamente um grande sucesso. Segundo Deodato, o programa tinha um índice de audiência próximo dos 100%, o horário da novela foi até alterado, pois as crianças só iriam à

escola depois do Flama resolver mais um caso (ALDACI JUNIOR, 2006).

Deodato lembra que os primeiros 1500 exemplares foram vendidos nas portas da rádio. Ao término do capítulo, quando a revista foi anunciada, centenas de crianças invadiram a emissora. As edições nem chegavam às bancas (ALDACI JUNIOR, 2006). Apesar de não terem saído mais que cinco edições, a revista *As Aventuras do Flama* é tida como uma referência para os quadrinhos paraibanos, sendo ao mesmo tempo a primeira revista e o primeiro personagem produzidos e criados no

estado. O *Flama* correspondia ao estilo dos quadrinhos da época, com aventuras maniqueístas, em que os papéis do bem e do mal estão claramente representados, mostrando um tanto de ingenuidade ao abordar as tensões sociais.

O personagem de Deodato inspirava-se não apenas em *Jerônimo*, também personagem de quadrinhos de grande sucesso nacional, mas, em particular, também em *O Espírito* (*The Spirit*), de Will Eisner. O herói mascarado lembra a figura dos super-heróis, mas é da habilidade física e das deduções intelectuais que o personagem se



Figura 1. Régua da revista *As Aventuras do Flama*, de Deodato Borges, pioneiro dos quadrinhos paraibanos

vale para resolver as situações de crimes, furtos e atentados à ordem estabelecida. É interessante observar que o próprio autor se retrata no *Flama*, fazendo uma ponte entre ficção e realidade e mostrando o grau de envolvimento de Deodato em sua criação.

Olhando-se o contexto do surgimento dos quadrinhos na Paraíba, podemos considerar como um grande feito a iniciativa de Deodato. Em períodos anteriores, assim como na atualidade, os grandes centros produtores do país se concentraram no Sudeste, onde se situam as editoras que lançam as publicações de circulação nacional. Ao contrário do livro, que é atemporal, as revistas em quadrinhos, bem como os jornais e demais revistas, são publicados em fascículos periódicos, que precisam ser consumidos num curto período, dando vez a novas edições. Esse círculo leva as editoras a investirem nos títulos que tenham mais circulação e retorno imediato, que tragam a melhor margem de lucratividade.

São os quadrinhos importados os que oferecem as melhores condições para o investimento editorial por vários motivos compensatórios que se impõem aos quadrinhos nacionais. Os trabalhos de fora chegam ao país como cessão de direitos autorais, tendo já pago todo o processo produtivo, o que reduz o seu custo. Por outro lado, as personagens usufruem uma ampla inserção na mídia, seja por meio de veiculação de desenhos animados, seja pela circulação de produtos derivados, como sua utilização em peças industriais, como roupas, cadernos, brinquedos, alimentos etc.

De certo modo, essa superexposição da personagem garante a fidelidade do público, desperta o interesse sobre seu universo e estimula o fetichismo e o consumo. Além disso,

gozam de uma eficiente rede de distribuição de tiras publicadas nos jornais diários com alcance mundial. Esse processo, comandado pelos *syndicates*, as distribuidoras de quadrinhos dos Estados Unidos, tem efetivamente inibido o fomento dos quadrinhos nacionais e se imposto por sua hegemonia como um típico produto da indústria cultural.

Contudo, não se pode desconsiderar que, em muitos momentos da história dos quadrinhos nacionais nossos autores travaram uma luta de resistência utilizando o próprio mercado para a afirmação de uma obra cultural autêntica. Foi assim no início dos anos 1960 com a revista *Pererê*, de Ziraldo, e com as personagens de Maurício de Sousa, nos jornais e posteriormente em revistas. Também podemos citar a revista *Fradim*, de Henfil, lançada na década de 1970 pela editora alternativa Codecri, a mesma do jornal *Pasquim*. Com Henfil, os quadrinhos chegam à fronteira da charge por seu conteúdo essencialmente político, com críticas à decadência social e ao regime de exceção.

A ebulição política ocorrida nas décadas de 1960 e 1970 no país veio soterrar muito da ingenuidade e da fantasia veiculada nos quadrinhos até então. Até mesmo os super-heróis, que seriam resgatados do ostracismo em que tinham caído no período posterior à Segunda Guerra Mundial, ganharam um novo enfoque, trazendo em seu bojo problemáticas que refletiam as questões do cotidiano. Temas antes intocados, como o racismo, o sexo, a política, passaram a ser abordados de modo

a inserir-se no contexto dos novos tempos. Personagens como *Homem Aranha* e *Demolidor*, grupos como os *X-Men* e *Quarteto Fantástico*, além dos quadrinhos *underground* e dos quadrinhos de teor adulto europeu deram um novo fôlego a uma indústria que parecia destinada ao ocaso pela popularização da televisão e do desenho animado.

As Aventuras do Flama representam um período anterior a esses novos tempos, ou o final de um tempo onde o papel do herói, com sua onisciência e onipresença, era ainda um referencial intocável para a juventude. O justiceiro imbatível e inquestionável, o paladino solitário a trazer à ordem os desvios sociais logo se tornaria uma obsolescência frente à complexidade do mundo que se descortinava.

A obra de Deodato, contudo, não deve ser vista como o último sopro de um tempo prestes ao ocaso. Quando de sua criação, era esta ainda uma vertente que se impunha na indústria cultural, com inúmeras publicações circulando nas bancas, algumas até mesmo de produção nacional, como a citada *Jerônimo*. Deodato se destaca pela iniciativa pioneira num estado completamente alijado dos meios de produção.

A publicação da revista *As Aventuras do Flama* pode ser considerada um capricho do autor e um regalo para os fãs, não necessariamente uma pedra fundamental para a criação de um mercado. As dificuldades de produção na Paraíba eram enormes e a revista só teve alguma repercussão porque estava calcada no programa radiofônico, que mantinha uma grande audiência e um bom número de fãs. Se o *Flama* fosse concebido inversamente, não teria o sucesso de vendas sem a “propaganda” da rádio (ALDACI JUNIOR, 2006).

A obra de Deodato ganha importância por sua capacidade empreendedora, que dispunha apenas de recursos primários de impressão (os clichês de chumbo) e pela sensibilidade de enxergar um público potencial. Num contexto nacional, tornou-se um marco para os quadrinhos paraibanos e uma expressão excêntrica dos quadrinhos feitos na periferia da periferia mundial.

Uma década mais tarde, em 1973, Deodato voltaria à cena como editor de cultura do jornal *O Norte*, de João Pessoa, com circulação estadual. *O Norte* acabara de renovar seu processo de impressão passando a ser impresso em off-set. Esta mudança ampliou as possibilidades gráficas do velho jornal, composto em clichê e linotipia. Deodato trazia para a imprensa paraibana as tiras de quadrinhos, já populares nos grandes jornais de todo o mundo, bem como a crítica especializada, comentando em uma coluna diária as novidades dos quadrinhos e analisando as obras clássicas do gênero.

Bat-Madame e as tiras diárias

Oito anos após a criação do *Flama*, surge mais uma personagem de quadrinhos no estado. A irreverente *Bat-Madame* chegava às páginas do jornal nanico *Edição Extra*, no traço de Luzardo Alves com texto de Anco Márcio. *Bat-Madame* era uma paródia escrachada de uma das mais conhecidas personagens do mundo dos quadrinhos, mas também era uma sátira ao dia-a-dia da cidade e do estado, enfocando suas figuras populares, a política, o bairrismo provinciano. Luzardo já era um autor conhecido por sua passagem como cartunista pela revista *O Cruzeiro*, no início da década de 1960. De volta à Paraíba, retomava sua produção junto

a um grupo de jornalistas que se aventurou no lançamento de um jornal alternativo.

O *Edição Extra* foi o primeiro jornal impresso em off-set no estado. Situado em João Pessoa, ele fazia eco ao movimento de contestação da imprensa nacional inspirado no sucesso do jornal carioca *Pasquim*. O nanico paraibano, lançado em 1971, teve vida curta, não chegou a duas dezenas de edições, mas marcou não só o jornalismo local como nossas histórias em quadrinhos.

Entre suas inovações e ousadias do jornal encontra-se *Bat-Madame*, que apresentava um tratamento diferenciado ao formato convencional dos quadrinhos. O traço caricatural e expressivo de Luzardo combinava com o relaxamento dos enquadramentos, dando mais fluidez à narrativa. A personagem não se limitava aos quadros, brincava com o espaço físico da tira, falava diretamente ao leitor, o que era uma situação bem pouco usual para os quadrinhos da época.

Depois de *Bat-Madame*, Luzardo passou a fazer charges para jornais e a produzir uma charge semanal, patrocinada pelo comércio local e distribuída no centro da cidade. Seu trabalho principal era como gravador de objetos, onde imprimia com precisão as mensagens afetivas e homenagens em alianças, anéis e troféus. Depois de um longo período de ausência na imprensa, ele volta à produção com o lançamento do álbum *O humor gráfico de Luzardo Alves*, publicado pela editora Marca de Fantasia, em 1977. A partir daí houve um resgate de seu trabalho, ele passou a produzir uma tira diária sobre a vida de Assis Chateaubriand, publicada nos Diários Associados e voltou a fazer charge semanal, afixada num mural no centro da cidade. Luzardo influenciou

vários autores paraibanos com seu traço personalizado e seu humor ferino. Recentemente sua obra foi tema de um documentário em vídeo, registrando a força criativa de um de nossos mais queridos cartunistas.

A mudança de impressão primeiro de *O Norte*, e depois de *A União*, este o jornal oficial do governo do estado, introduziu nos nossos diários as tiras, atraindo a atenção não só dos leitores mirins, mas também de muitos jovens e adultos que passaram a acompanhar as peripécias e aventuras das personagens. A novidade trazia um elemento muito importante para os quadrinhos paraibanos: além da publicação de algumas tiras de Maurício de Sousa, estreavam no formato quatro autores locais, criando duas séries humorísticas e uma aventura seqüenciada.

Dessa forma, surgiram *Adub, o camelo*, de Juca e Marcos Tavares; *Planeta Maluco*, de Deodato Borges; e *Shanghai*, de Richard Muniz. Todos trabalhavam na redação de *O Norte*, sendo Deodato e Marcos editores, Juca e Richard desenhistas. Deodato, Juca e Marcos Tavares faziam o humor crítico, alinhando-se aos quadrinhos satíricos da época. *Adub, o camelo* trazia para nós os conflitos do Oriente Médio com um sarcasmo e ironia tão bem aplicados que não perderam a atualidade ainda hoje. *O Planeta Maluco*, de Deodato, é puro deboche sobre as situações do cotidiano, no melhor estilo do que se publicava no *Pasquim*.

Richard enveredava pela aventura ora centrada na guerra, ora no faroeste. Em algumas séries Richard escrevia e desenhava a tira, em outras, contava com a colaboração de Marcos Tavares. Foi uma fase muito criativa, possibilitando a experimentação de uma nova linguagem em nosso jornalismo e em nossos quadrinhos.

Fazendo eco à própria origem dos quadrinhos, as HQ paraibanas sempre tiveram uma estreita relação com a imprensa. Além de ter seu primeiro herói adaptado de um programa radiofônico, foi por intermédio do jornal alternativo *Edição Extra*, na década de 1970 e dos suplementos semanais dos jornais diários que vimos surgir uma gama enorme de personagens, motivados pela abertura de espaço para publicação e estímulo dos editores.

Em 1975 seria criado *O Norte em Quadrinhos*, suplemento semanal do jornal *O Norte* que trazia, além dos quadrinhos clássicos internacionais, a exemplo de *Asterix*, *Hagar*, *Príncipe Valente* e *Steve Canyon*, a participação dos leitores. *O Norte em Quadrinhos* era editado por Deodato Borges, que também fazia uma coluna com análise de personagens. O suplemento tinha oito páginas, sendo uma dedicada aos quadrinhistas da terra, dando visibilidade ao trabalho de Emir Ribeiro, com *Welta*, Marcos Nicolau, com *As Cobras* e Henrique Magalhães, com *Maria*.

Nesse período, o jornal *A União* já oferecia aos leitores algumas tiras diárias de jovens autores locais, mas foi com a criação do suplemento *O Pirralho*, em 1976, que o jornal tornou-se o veículo de toda uma geração de cartunistas, tendo contribuído de forma indelével para a formação dos quadrinhos paraibanos.

Fiel a sua história, depois de um longo período distante dos quadrinhos, *A União* volta a publicar em 2000 um novo suplemento, desta vez em forma de revista. *A União Quadrinhos* teve edição de Pontes da Silva e coordenação de Juneldo Moraes. A revista tinha em média 20 páginas, formato magazine (20x27cm), capa em cores e era encartada no jornal.

Em seu projeto havia a pretensão de também ser vendida quinzenalmente nas bancas da capital do estado.

Ao apresentar a primeira edição, Pontes da Silva deixava claro o propósito da revista: resgatar um pouco da arte paraibana e ao mesmo tempo promover novos talentos, abrindo espaço para as novas gerações divulgarem seus trabalhos¹. Recuperou-se com isso o mesmo princípio que fez surgir o suplemento *O Pirralho*, e contava-se com a fomentação de um novo ciclo para os quadrinhos paraibanos.

O primeiro trabalho publicado em *A União Quadrinhos* foi a retomada de uma personagem lançada originalmente em tiras diárias no jornal *A União* a partir de novembro de 1975. *Itabira* voltava agora com nova formatação, mais adequada às páginas da revista, com texto de Emilson Ribeiro e Emir Ribeiro (pai e filho) e com desenho de Ailton Elias.

O segundo número de *A União Quadrinhos*, de agosto de 2000 continua sua trajetória de resgate dos quadrinhos do estado, com a publicação de *O Ninja*, criado por mais uma dobradinha de pai e filho, Deodato Borges e Deodato Filho. Num momento em que Deodato Filho tornou-se mais conhecido como Mike Deodato, sendo um dos expoentes dos quadrinhos de super-heróis dos Estados Unidos da América, era interessante ver um trabalho dele ainda inspirado na obra de Will Eisner e seu personagem *The Spirit*. O gênero policial com uma arte marcada por angulações inusitadas e traço reforçando as sombras com a alternância do claro-escuro, foi um verdadeiro laboratório para Deodato Filho, que buscou no melhor dos quadrinhos de aventuras a base para o desenvolvimento de seu trabalho.

¹ Pontes da Silva. Apresentação. In *A União Quadrinhos*, n.º 1. João Pessoa: *A União*, agosto de 2000, p. 2.

Com o número 5, de novembro de 2000, *A União Quadrinhos* traz de volta as aventuras de *Velta*, de Emir Ribeiro, lendária personagem que conquistou uma legião de fãs no meio independente. A sexta edição, de dezembro do mesmo ano, também é dedicada a um autor. Foi a vez de Shiko mostrar seus quadrinhos. Cartunista nascido em Patos, Paraíba, mas radicado em João Pessoa, Shiko apresenta adaptações para quadrinhos de contos de autores renomados, a exemplo de Albert Camus e Moacyr Scliar. Nas duas histórias desenhadas por Shiko, percebe-se a ausência de super-heróis, destacando o ser humano como personagem central².

O número 7 da revista, de dezembro de 2000, veio com uma paginação especial: as capas e as páginas centrais transformam-se em pôsteres. A HQ da edição é uma elegia à comemoração da época: *Uma história de Natal*, que é a adaptação de um texto de Dom Antônio de Macedo Costa pelo grupo Made in PB, na qual participam Jirônimo Neto e Carlos Martins no desenho, Janúncio Neto no roteiro e arte-final de Jirônimo Neto, Jackson Hebert e Josival Silva.

A União Quadrinhos honrava sua promessa de se abrir espaço aos novos autores, como ocorreu com a publicação de Shiko e do grupo Made in PB. Este grupo de jovens cartunistas vinha publicando seus trabalhos em um fanzine homônimo, com as limitações a que estas edições artesanais estão submetidas. Com *A União Quadrinhos* o grupo viria a ganhar um novo espaço para a divulgação de sua obra bem como se firmar como uma nova força dos quadrinhos da Paraíba. O grupo Made in PB, fundado em 1995 por Alzir Júnior, Jirônimo Neto, Carlos Martins, Josival Silva e Janúncio Neto viria, na

prática, tomar parte da edição do suplemento, tendo sido peça fundamental para a manutenção da revista.

Apesar da boa apresentação gráfica e dos trabalhos de qualidade publicados, *A União Quadrinhos* não chegou a uma dezena de edições. A falta de fôlego da empreitada certamente se encontra no próprio jornal *A União*, órgão oficial do governo estadual, que não tem uma ampla difusão. A pretensão de tornar o suplemento independente chegou tardiamente com o número 8, de janeiro de 2001, o último da série, que foi colocado nas bancas para venda, além de continuar encartado no jornal.

Esta oitava edição saiu com o objetivo de implementar finalmente a chegada da revistas às bancas, com novo projeto gráfico para a capa e novo formato, semelhante aos *comic books* (o dito *formato americano*). A revista foi dividida entre o grupo Made in PB e Deodato Filho. A HQ do grupo é a introdução de uma aventura futurista com a personagem *Monan*, ambientada em João Pessoa. Deodato, além de apresentar um portfólio em cores nas páginas centrais e na quarta capa, participa com uma longa conversa com J. Audaci Junior e entrevista com Janúncio Neto sobre seu trabalho para as editoras estadunidenses.

É muito provável que o retorno de público e de venda nas bancas de *A União Quadrinhos* tenha sido insuficiente para estimular a continuidade de sua produção. Faltou-lhe uma campanha publicitária para se fazer conhecer. Ou, talvez, uma publicação como esta devesse se restringir mesmo a ser encarte do jornal. A dura realidade do mercado de revistas se impõe, com seus personagens conhecidos e massificados pelos produtos derivados e apoio da

² Rentes da Silva. Apresentação .In: *A União Quadrinhos*, n.º 6. João Pessoa: *A União*, dezembro de 2000, p. 2.

televisão, com os desenhos animados. Despertar o difuso e talvez inexpressivo público leitor paraibano do gênero para os quadrinhos da terra decerto é uma tarefa utópica, algo já tentado por outras gerações, mas que não surtiu o efeito esperado.

Mas a experiência de *A União Quadrinhos* não deve ser de forma alguma menosprezada. Num momento em que nenhum outro jornal publicava sequer uma tira de autor local, *A União* ousou lançar uma revista com o acabamento que a arte seqüencial tanto merece. A proposta de resgatar os quadrinhos publicados há pelo menos duas décadas foi em parte alcançada. Emir Ribeiro e Deodato Filho estão bem representados em suas páginas. Mas faltou uma representação do humor que tanto marcou toda uma geração de quadrinhos, surgida com os suplementos. A personagem *Maria* não saiu em *A União Quadrinhos* por causa de sua temática irreverente, ligada à sexualidade. Por outro lado, seria imprescindível fazer um balanço das obras que o próprio jornal *A União* lançou em meados dos anos 1970, em seu suplemento *O Pirralho*.

Onde foram parar Tônio e Tenório, com *O Conde*? E Cristovam Tadeu, Domingos Sávio, Danielito Graneros, Cloves Santos, Rejane Alves, Archidy Filho, Rosildo, Gilton, Assis Vale, Francisco de Assis? Eram trabalhos valerosos que ficaram nas veredas do esquecimento. É certo que a maioria nem faça mais quadrinhos, por absoluta falta de espaço para publicar ou porque os quadrinhos, para eles, talvez tenham representado apenas um momento preciso de expressão juvenil, com suas tiras de humor e histórias infantis. No entanto, não podemos julgar a nova tentativa de edição do jornal *A União* pelo que deixou de fazer. O projeto editorial era,

certamente, muito maior do que o que foi realizado.

A União Quadrinhos teve, finalmente, o mérito de apresentar para um público maior que o dos fanzines o trabalho prolixo do grupo Made in PB e a virtuosidade da obra de Shiko, que vinha encantando o seletto público dos fanzines. Shiko teve toda uma edição do suplemento dedicado a ele. Suas HQ inspiradas na literatura e seu traço excepcional mostram um artista autodidata – como, aliás, ocorre com quase todo autor de quadrinhos – com uma erudição rara num meio repleto de histórias banais e de linguagem fácil.

Dos jornais às revistas em quadrinhos

A experiência de Deodato com *As aventuras do Flama*, em se levando em conta sua excepcionalidade, não é uma exceção no campo da auto-edição. Ainda hoje a mesma história se repete em todos os recantos do país e mesmo nos estados de maior mercado editorial. Os projetos editoriais das grandes empresas privilegiam o lucro rápido e garantido com a reprodução dos quadrinhos de massa internacionais em detrimento da produção nacional.

Contraopondo-se a esta realidade temos um grande número de publicações lançadas em todo o país de forma independente, sejam produzidas por pequenos grupos e associações, sejam editadas por seus próprios autores. São os fanzines e as revistas e álbuns que resistem à indiferença do mercado e que estão a mostrar, a um público ainda restrito, mas seletto, a potencialidade dos quadrinhos brasileiros.

Na Paraíba, depois do pioneirismo de Deodato Borges, temos um bom número de publicações a partir da década de 1970 e que chega de forma cada vez mais requintada aos

dias atuais. Muitas das revistas paraibanas estavam vinculadas a personagens publicadas nos jornais locais, a exemplo de *Velta* (anteriormente grafada com *W*), de Emir Ribeiro e *Maria*, de Henrique Magalhães. Ambos lançaram mais de uma dezena de edições com as personagens, entre revistas, livros e álbuns. As revistas coletivas também apontaram, com títulos como *Ôxente*, *Gran Circus* e *Leve Metal*.

A forma de produção das revistas de autor e de grupo é praticamente a mesma. Na maioria dos casos, o autor, ou autores, tem que bancar sozinho sua publicação ou com eventuais apoios institucionais. No primeiro caso, podemos citar a revista *Cuca*, de Assis Vale; no segundo, a revista *HQ*, de Deodato Borges e Filho.

Os autores paraibanos logo perceberam a inviabilidade de continuar com as publicações independentes por muito tempo, quando se tinha por objetivo a disputa no mesmo campo das publicações do mercado. Os custos e o desgaste do esforço individual, bem como a resposta inexpressiva do público, se encarregaram de desfazer pretensões e impuseram a realidade. Uma das saídas encontradas foi a busca de apoios por meio de inserção publicitária ou por intermédio dos órgãos institucionais. Do comércio não se teve o interesse esperado tendo em vista que o veículo não poderia garantir aos empresários o retorno do investimento. Restou o recurso ao mecenato, ao apoio dos órgãos oficiais, a exemplo do estado e da Universidade.

Nos anos 1970 e início da década de 1980, quando o centralismo do poder gerava uma interferência na cultura e na liberdade de expressão, parecia temeroso buscar nesses órgãos

qualquer apoio e estar sujeito a manipulação. No entanto, a experiência dos autores e editores paraibanos na relação com o estado esteve praticamente imune à ingerência e à censura.

A Universidade Federal da Paraíba, ainda que ligada ao governo federal, era um espaço de luta contra o cerceamento da liberdade de expressão. Por intermédio de seus programas de extensão, e com o apoio de sua gráfica, algumas das publicações paraibanas de quadrinhos foram favorecidas, como a revista *Maria*, com quatro edições e mais algumas de *Velta*.

Um fator curioso também ajudou ao incremento do meio editorial paraibano. A particularidade de se viver em uma cidade de médio porte facilitou o acesso dos autores às instâncias oficiais. O comum nessas cidades é que as pessoas que exercem o poder e os produtores culturais se conheçam, já que o círculo das relações interpessoais não é demasiado amplo. Dessa forma, os artistas, jornalistas e outras pessoas ligadas ao movimento cultural têm acesso facilitado às Secretarias de Educação e Cultura.

O fato é que os cartunistas paraibanos souberam tirar proveito da condição de grande aldeia onde viviam. João Pessoa não era grande o suficiente para desenvolver um mercado editorial, mas disponibilizava bons recursos técnicos. O acesso aos jornais, onde não raro os artistas mantinham relações amigáveis com os editores, e as gráficas oficiais foram colocadas à disposição para a produção das revistas e álbuns com os quadrinhos locais, fazendo circular os trabalhos de nossos autores.

Na relação com o estado, alguns trabalhos individuais foram produzidos, todavia, a estratégia mais acertada foi a de se produzir revistas coletivas, reunindo as diversas

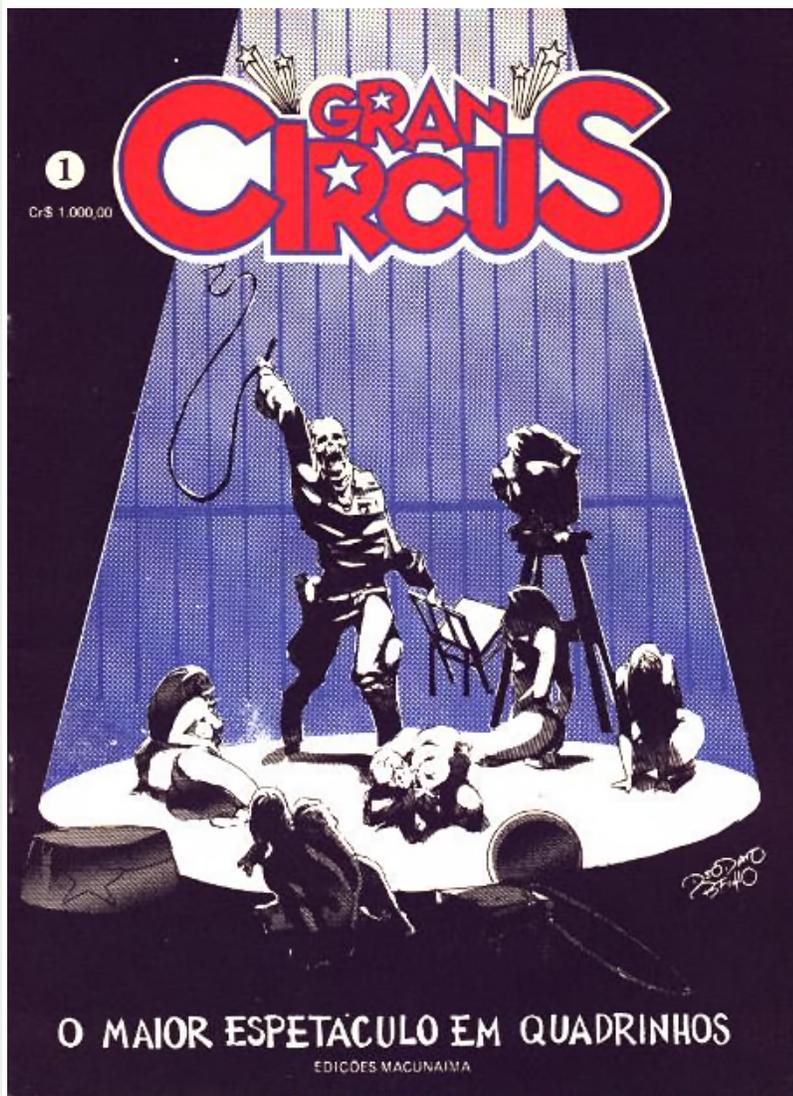


Figura 2: A revista Gran Circus reuniu na década de 1980 os quadrinhistas em evidência no estado.

expressões de quadrinhos. Ligada ao governo do estado, mas mantendo uma evidente independência ideológica, havia a Oficina Literária, grupo que se dedicava ao estudo e editoração de contos e poesias. A partir de 1982, a Oficina Literária, dirigida por Antônio Arcela, deu um passo em direção aos quadrinhos, publicando algumas revistas individuais. Por ela saíram as revistas *Maria*, de Henrique Magalhães, *Cuca*, de Assis Vale e *Lampirão*, de Cristovam Tadeu. Em seguida, a Oficina Literária partiu para a produção coletiva, atraindo para o grupo também autores inéditos.

Foi desse encontro e da elaboração de um projeto mais arrojado que surgiu a revista *Gran*

Circus, no formato *magazine*, impressão de qualidade e apresentando os melhores quadrinhos paraibanos do momento. A revista foi patrocinada pelo estado, por intermédio da Oficina Literária. Desentendimentos entre esse grupo e a instituição impediram que viesse a tona o segundo número da revista, que chegou a ser projetada.

Em paralelo a essa investida da Oficina Literária, também sob a chancela do estado surgia uma outra abertura para os cartunistas paraibanos. A revista *Presença Literária*, editada pela Secretaria de Educação e Cultura em meados dos anos 1980, habitualmente reservava espaço para artigos sobre quadrinhos. Logo passou a trazer um encarte com a produção de quadrinhos, vindo a tornar-se um suplemento à revista, aumentando o número de páginas a cada edição. A proposta era torná-lo uma revista independente, o que não veio a acontecer.

Esse suplemento chamou-se *Leve Metal*, parodiando a famosa revista estadunidense *Heavy Metal*. Entre seus colaboradores encontravam-se os mesmos autores que formaram a *Gran Circus*, dentre eles Cristovam Tadeu, Henrique Magalhães, Emir Ribeiro e Deodato Filho, dentre outros. De modo prematuro, o suplemento não ultrapassou a quarta edição por causa do cancelamento da *Presença Literária*.

Ainda ligadas ao estado, circularam algumas publicações que primaram pela qualidade gráfica. Deodato Borges e Deodato Filho lançaram na década de 1980 os álbuns *3000 anos depois* e *História da Paraíba em quadrinhos*. A primeira projetou Deodato Filho no mercado internacional. Seu álbum foi publicado na Alemanha e ele chegou a participar do *Festival de Bande Dessinée d'Angoulême*, na França, junto com um

grupo de representantes dos quadrinhos brasileiros. O segundo álbum foi editado em 1985, por ocasião do quarto centenário do estado da Paraíba. Era uma história em quadrinhos didática, cujo álbum fora programado para ser distribuído nas escolas.

Em junho de 1985 saía o primeiro número do fanzine *Marca de Fantasia*, de Henrique Magalhães e Sandra Albuquerque. Começa então a produção de fanzines, além das revistas alternativas ou independentes. O fanzine tem um caráter mais crítico e analítico do meio, e não apenas o de

reprodução de quadrinhos e difusão de novos autores. Outro dado interessante era que essa publicação era paraibana, mas estava sendo editada em São Paulo, onde seus autores faziam *Mestrado*. Alguns números saíram naquele estado, outros na Paraíba, fazendo uma dobradinha que acelerou o intercâmbio dos autores paraibanos com o universo de publicações independentes de outras regiões do país.

Mesmo sendo uma publicação autofinanciada, a *Marca de Fantasia* também contou com apoio do meio oficial. As capas em duas cores dos números 2 e 3 foram impressas na

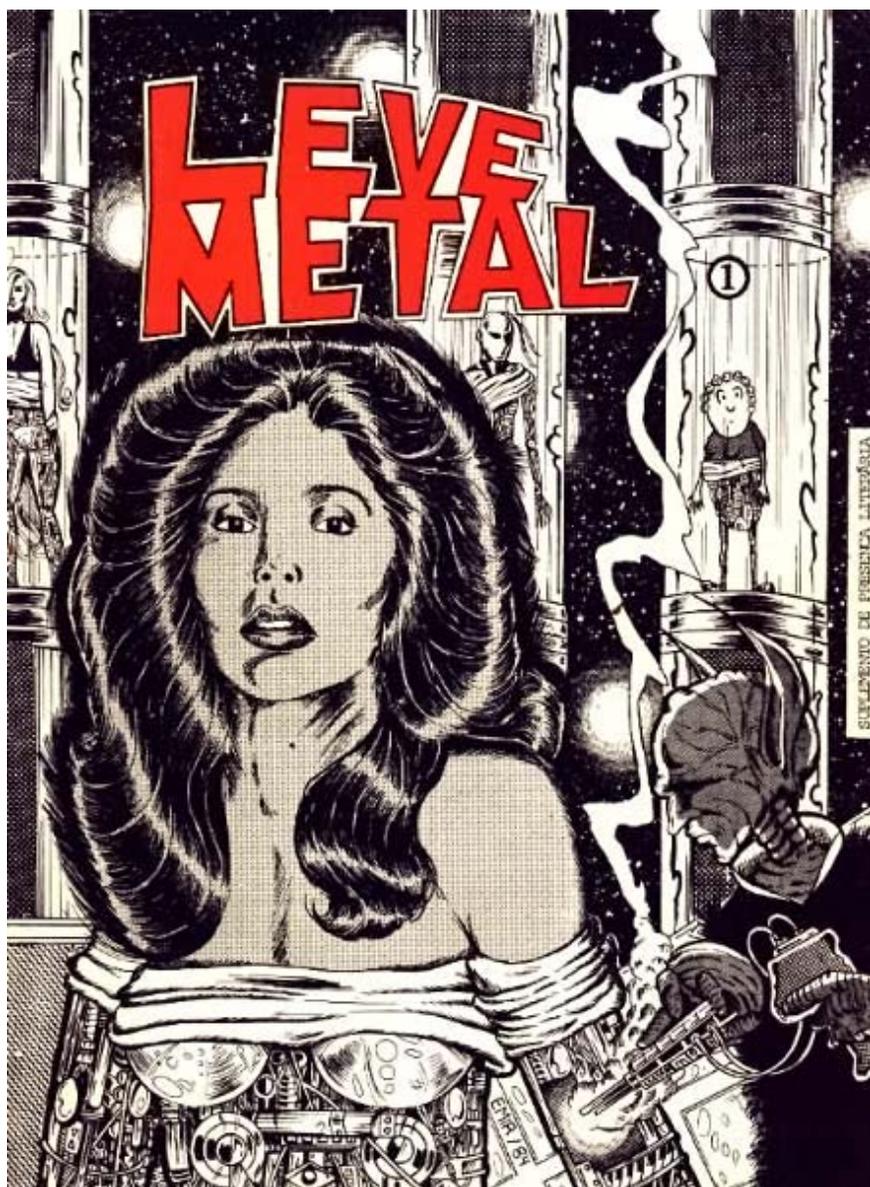


Figura 3: Leve Metal parodiava a revista Heavy Metal com a participação de vários quadrinistas paraibanos.

gráfica do estado. Mas é bom que se reforce que esse fanzine tinha a produção independente como princípio, favorecida pelas condições econômicas e técnicas mais facilitadas no grande centro industrial.

São Paulo oferecia muitas vantagens para a reprodução das publicações, feita em pequenas impressoras offset. O custo era baixo mesmo que a qualidade da impressão não fosse das melhores. Em consequência do fácil acesso a essas impressoras, a produção de fanzines no Sudeste era intensa, com dezenas de títulos circulando e regularidade nos lançamentos.

O fanzine *Marca de Fantasia* teve uma excelente receptividade, engajando cartunistas de vários estados. Em São Paulo, teve o apoio fundamental de Wolney Almeida de Souza, que ajudou na fase de impressão. Alguns números do fanzine chegaram a ser impressos em Salvador, por intermédio de Gonçalo Silva Júnior, outro entusiasta da publicação, que o enviava para São Paulo ou para a Paraíba para que fossem feitos o acabamento e a distribuição.

Mas, pego no rolo compressor da crise econômica do final dos anos 1980, o fanzine *Marca de Fantasia* parou no número 6, de março de 1988. A experiência adquirida com a edição e a ampliação do público proporcionaram às publicações paraibanas uma nova dimensão, a abertura para o público nacional.

Se conseguimos fazer o fanzine *Marca de Fantasia* em offset, contudo esta não era a realidade para a maioria desse gênero de publicação. Fora do Sudeste, as dificuldades de produção eram bem mais agudas. Boa parte dos editores só contavam com a reprodução em fotocópia, que nessa época ainda tinha um preço elevado e a qualidade apenas razoável.

A saída encontrada pelos paraibanos foi continuar recorrendo aos órgãos oficiais, às gráficas do estado ou da Universidade Federal. Ainda no rescaldo de um prolongado período de exceção, pensava-se no risco de censura aos trabalhos humorísticos, que por princípio eram mais politizados. Mas isso não era um empecilho para que se recorresse à esfera oficial. Havia meios de se contornar os problemas ideológicos, quando surgiam, ainda mais que se vivia uma fase gradual de relaxamento do cerceamento político.

A inexistência no estado de um meio empresarial voltado para os quadrinhos era quase uma imposição para a busca da oficialidade. Por outro lado, pode-se considerar que o estado deve ter um papel de salvaguarda das expressões artísticas que não encontram respaldo do mercado. De algum modo este apoio é dado ao teatro e ao cinema, o que justifica que o mesmo seja estendido aos quadrinhos, sem paternalismo ou favorecimento.

Esta estratégia para a viabilidade da maioria das publicações paraibanas contou com o aspecto da proximidade que se tem com os meios de imprensa e as instâncias oficiais. Numa cidade de porte médio, o acesso a esses canais se torna bem mais fácil que nos grandes centros. No entanto, o mesmo processo poderia ser dado nas grandes cidades se as dividirmos em pequenos universos: o jornal de bairro, a administração regional, os colégios estaduais, os centros culturais, são espaços que poderiam ser conquistados visto uma relação maior de proximidade.

Se o patrocínio oficial pode ser um canal para a edição das revistas e fanzines, porém o melhor seria a organização de cooperativas de editores sem qualquer vínculo com as

editoras do mercado ou órgãos oficiais, que garantisse a autonomia e independência da produção. A expansão e conquista de um amplo público também seria o passo fundamental para a consolidação dos quadrinhos genuinamente brasileiros.

Em busca de reconhecimento

Uma última observação é que o mal dos quadrinhos é a pouca valorização que lhes é atribuída, sendo ainda considerados pela maioria como uma sublitteratura sem valor artístico intrínseco. Se assim não o fosse, certamente teríamos editoras fortes investindo nos quadrinhos brasileiros em nível nacional. Algo como ocorre com a música brasileira, que é tão forte internamente quanto extrapola fronteira. Vivemos ainda num país em que o artista nacional tem que fazer sucesso fora pra ser editado em casa. Tem-se que pagar direitos autorais às editoras internacionais pra se ter o trabalho de nossos artistas. Uma clara

demonstração do provincianismo marcante que nos assola, pra não dizer mesquinha e visão estreita dos editores da terra.

Neste contexto, os quadrinhos paraibanos parecem não ter a menor chance de chegar ao mercado, periferia da periferia que somos. Resta-nos a auto-edição, as publicações independentes e artesanais, o público restrito, o divertimento, a perspectiva de continuar sempre como amador, como uma atividade paralela à profissional, com todos os encaixes que isto acarreta.

Boa parte dos quadrinhos paraibanos de alguma forma esteve vinculada à esfera estatal, ao patrocínio público, à boa vontade dos dirigentes da ocasião, ao bom trânsito nas esferas oficiais. Assim ocorreu com algumas edições das revistas *Maria* e *Welta*, bem como com as revistas *HQ*, *Gran Circus* e *Leve Metal*. Do mesmo modo, nossos quadrinhos dependeram em parte de alguns patronos e entusiastas

Ilustração 4: A revista Maria teve 10 edições e chegou a ser lançada nas bancas da Paraíba e de Recife



colocados nos lugares certos, nos momentos certos. *O Norte em Quadrinhos* saiu porque tinha Deodato Borges numa das editorias de *O Norte*; *O Pirralho*, sob a chancela de Adalberto Barreto e Vilma Wanda, editores de *A União*. A mais recente investida, *A União Quadrinhos*, vem com o apadrinhamento de Pontes da Silva.

Este fato revela a importância que os quadrinhos tiveram para as crianças de outras gerações – ainda não influenciadas pela televisão e videogames –, que chegavam aos centros de decisão dos órgãos de imprensa. Todavia, ao guiar-se os investimentos nos quadrinhos pelas iniciativas pessoais, temos a confirmação da fragilidade dessas investidas, suscetíveis às mudanças de rumo habituais das empresas jornalísticas.

O certo é que os quadrinhos nunca tiveram uma política à altura de sua importância. Na Paraíba, a HQ sempre foi considerada uma forma de entretenimento infanto-juvenil que não merece atenção como produto da indústria cultural. Fossem os quadrinhos tidos ao menos como um gênero literário – o que já seria um reducionismo grosseiro de sua linguagem marcadamente visual – teriam que ser reconhecidos como uma produção merecedora de crítica e investimento, como ocorre com a literatura, o cinema, o teatro e outras artes produzidas no estado.

Uma política editorial específica para os quadrinhos deveria ser implementada pelos jornais, bem como pelos órgãos oficiais ligados à cultura, com o objetivo de criar espaço para a circulação dos trabalhos dos autores da terra e estimular o surgimento de novos valores. Daí os quadrinhos tornarem-se um produto comercial seria uma conseqüência dos desdobramentos dessa política, que no mínimo teria plantado as bases para o desenvolvimento dessa arte no estado.

Referências

- ALVES, Luzardo. *O humor gráfico de Luzardo Alves*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 1977.
- AUDACI JUNIOR, J. *Riscos no tempo: 40 anos de história em quadrinhos na Paraíba*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.
- MAGALHÃES, Henrique. *A incrível história dos quadrinhos: 20 anos de HQ da Paraíba*. João Pessoa: Sancho Pança, 1983.
- MAGALHÃES, Henrique (org). *A terceira onda*. 2ª ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, março de 1997.
- QUADRINHOS da Paraíba: 30 anos de história. João Pessoa: A União, 1993.
- SILVA, Pontes da. *Apresentação*. In: A UNIÃO Quadrinhos, João Pessoa, A União, n. 6, dez. 2000.
- SILVA, Pontes da. *Apresentação*. In: A UNIÃO Quadrinhos, João Pessoa: A União, n. 1, ago. 2000. ■